



## Perspectivas Folkmediáticas da Poesia Matuta<sup>1</sup>

Antonio Roberto Faustino da COSTA<sup>2</sup>

Cidoval Morais de SOUSA<sup>3</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB<sup>4</sup>

### RESUMO

Analisa as perspectivas folkmediáticas da poesia matuta, considerando que a cultura popular mobiliza recorrentemente estratégias para dialogar com a indústria cultural. Problematisa como se constitui, historicamente, a cultura das classes subalternas e a importância da folkcomunicação para a compreensão de seus processos de resistência e contra-hegemonia. Lança mão dos conceitos de folkmídia e ativismo midiático para atualizar a relação dialética estabelecida entre a cultura popular e a cultura de massa. Conclui enfatizando o incremento da folkcomunicação na década de 2000 e a relevância da pesquisa “Trajetória, tendências e perspectivas folkmediáticas da poesia matuta na Paraíba” para o resgate e revisão da cultura regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura popular; poesia matuta; folkcomunicação; folkmídia; ativismo midiático.

### 1 Introdução

A chamada poesia matuta parece assumir na contemporaneidade um de seus momentos mais importantes. Ainda que não constitua o único caso, a notoriedade do poeta paraibano Jessier Quirino representaria uma significativa popularidade adquirida pela poesia matuta que tende ocupar, cada vez mais, os palcos das casas de espetáculos e a mídia regional e nacional. “Jessier já se apresentou no Projeto Seis e Meia, Teatro Guararapes, Festival de Artes de Areia, além de recitais em São Paulo, Brasília e até na Embaixada Brasileira em Barcelona.” (FELIPPE, 2009)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Desenvolvimento, professor e coordenador de Pesquisa do Departamento de Comunicação Social (DECOM/UEPB). E-mail: robertofcosta@uol.com.br

<sup>3</sup> Doutor em Geociências, coordenador do Mestrado em Desenvolvimento Regional, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Desenvolvimento e professor do DECOM/UEPB. E-mail: cidoval@gmail.com

<sup>4</sup> Trabalho resultante do projeto de pesquisa “Trajetória, tendências e perspectivas folkmediáticas da poesia matuta na Paraíba”, financiado pelo Programa de Incentivo à Pós-Graduação e Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB (Edital 01/2008/PROPESQ/PRPGP/UEPB).

A poesia matuta, não obstante, remeteria aos casos, um tipo de narrativa popular que, diferentemente dos folgedos, da cantoria e da literatura de cordel, teria sido negligenciado, desde os trabalhos pioneiros de Silvio Romero até as contribuições de Luiz Beltrão (1980). O que implica considerar que o seu estudo assume enorme relevância e um desafio para os pesquisadores, sobretudo quando se leva em conta que as novas tecnologias já são próprias a sua produção e difusão (BENJAMIN, 2000, p. 45). Como acentua Trigueiro (2008b), urge então estar atento “às metamorfoses ou as rápidas mudanças por que passam as diferentes manifestações culturais tradicionais no mundo globalizado, até para entender melhor os processos de apropriações, incorporações dos bens midiáticos materiais e imateriais”.

O trabalho ora apresentado pretende contribuir, de alguma forma, para os esforços de valorização da poesia matuta, a partir sobretudo da revisão de sua importância no contexto da cultura regional brasileira. A ênfase recai sobre as perspectivas folkmediáticas da poesia matuta, entendendo que esta mobiliza recorrentemente estratégias de comunicação midiática que se apresentam fundamentais em meio as suas condições históricas, socioeconômicas e político-culturais de produção, mediação e inserção na sociedade contemporânea local-global. Parte-se do pressuposto de que a apropriação da mídia pelas culturas populares não é um fato recente e que “são os procedimentos que se tornam cada vez mais sofisticados alcançando, com mais rapidez, um número maior de receptores em tempo real e em longas distâncias.” (TRIGUEIRO, 2008b)

Retoma-se aqui a folkcomunicação porque, assim como no caso do cordel (TRIGUEIRO, 2008b), compreende-se que a abordagem representa um aporte teórico-metodológico de suma importância à revisão da poesia matuta. Sem perder de vista que, desde os anos 1960, a folkcomunicação tem contribuído para aprofundar a compreensão acerca das manifestações da cultura popular junto aos processos comunicacionais (GOBBI, 2008), urge entretanto atualizar os seus referenciais midiáticos. Notadamente, quando se considera que a disciplina ganha cada vez maior importância, em especial, “por la relevancia de su objeto de estudio, es decir, la cultura local y su protagonismo en el actual contexto globalizado.” (GONÇALVES, 2008)

## 2 Cultura e Literatura Popular

“Arquiteto por profissão, poeta por vocação, matuto por convicção” (MINI-CURRÍCULO, 200-), como se autodenomina, Jessier Quirino busca dialogar intensamente entre o passado e o presente, o natural e o industrial, a partir de referências que vão do vestuário ao cinema, relidas quase sempre “sob a ótica do matuto.” (CARLOTTI, entre 2001 e 2008) Apoiando-se ora em um vocabulário nordestino (OLIVEIRA, 2006), ora em neologismos que o aproximam estilisticamente de Manuel de Barros e Guimarães Rosa, Quirino seria “o grande poeta regional” de uma geração que segue a tradição de Zé da Luz, Catulo da Paixão Cearense, Patativa do Assaré, Chico Pedrosa e José Laurentino.

O que distingue o matuto (e nisto a poesia de Jessier é exemplar) é sua capacidade fabulatória, de criar historinhas do nada, e alegorias a partir dos menores acontecimentos; sua visão crítica e irônica quanto aos costumes “da cidade”; sua percepção intuitiva das motivações por trás dos atos humanos; sua inesgotável capacidade de se maravilhar diante de coisinhas bobas da Natureza e da vida cotidiana; seu talento para injetar lirismo e filosofia em tudo que expressa o modo de vida rural, seus ofícios e lazeres, suas tradições e valores (TAVARES, 2006?).

Trata-se por excelência, completa Melo (1998), de uma poesia que “quer se mostrar, pede palco e público numerosos. Nisso, a sua consangüinidade com a produção ancestral dos violeiros repentistas do Nordeste.” Considerando que em *Prosa Morena* o artista refaz a “tradição carnalizadora” ao melhor estilo bakhtiniano (BAKHTIN, 1999), Marinheiro (2001?) chama atenção porém que a poesia de Quirino aproxima-se muito mais de um movimento de “contracultura” do que, propriamente, de uma manifestação popular, regional e mesmo de uma pretensa literatura oral: “Quando ‘Chica Boa e Zé Qualquer fazem sala na cozinha’, tem-se a impressão de que eles estão debatendo as imprecisões conceituais que permeiam os estudos sobre cultura popular.”

Estudar a chamada poesia matuta, de fato, implica se defrontar com um problema de ordem conceitual. Por um lado, a poesia matuta inscrever-se-ia em um “inconsciente coletivo, berço natural das antíteses” (MARINHEIRO, 2001?) e a origem dos seus temas e casos não se mostraria tão aparente, derivando muitas vezes não das tradições orais, mas de matrizes escritas (BENJAMIN, 2004, p. 87). Como já explicava Luís da Câmara Cascudo: “Na literatura do povo poderíamos fixar três gêneros distintos. A Literatura Oral, a Popular e a Tradicional, aplicando-se ao Brasil a dedução da espécie que se democratizara, do livro para

mercadores e fidalgos ao folheto fiel nas mãos do elemento popular alfabetizado.” (COSTA, 1972, p. 36)

Por outro lado, as conceituações sobre poesia matuta e a cultura popular em geral derivariam, geralmente, de um ponto de vista exógeno e de estranhamento. Como já assinalava Gramsci (1978, p. 64), a literatura regional sempre foi concebida não apenas de modo pitoresco, como também de forma folclorística: “o povo ‘regional’ era visto ‘paternalisticamente’ do exterior, através de um espírito desencantado, cosmopolita, próprio de turistas em busca de sensações fortes e originais por sua natureza.” Na base desse problema, estaria a separação entre intelectuais e povo que marcou a moderna história política e cultural italiana e ocidental.

Segundo Fausto Neto (1979), a “folclorização” foi a forma reducionista encontrada para tratar da problemática da cultura das classes subalternas, a exemplo do cordel que, mesmo guardando uma especificidade comunicativa, seria dotado de uma competência atribuída pela cultura dominante. Enquanto fenômeno de linguagem, esclarece Ortiz (1998, p. 142), a cultura por natureza é submetida a processos de interpretação, porém são os interesses dos grupos sociais que determinam “o sentido da reelaboração simbólica” das manifestações culturais. Em se tratando do Nordeste brasileiro, essa determinação trata de inventar e reinventar a própria região e o ser nordestino, através de estereótipos das mais diversas ordens:

Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 307).

Na realidade, sugere Benjamin (2000, p. 42), a poesia matuta estaria inscrita naquilo que Paulo de Carvalho-Neto denomina de “invenção de folclore”, uma literatura de origem erudita ou de massas, conhecida como “‘matuta’ no Nordeste, ‘gauchesca’ no extremo Sul, ‘caipira’ e ‘sertaneja’ no Sudeste e Centro-Oeste.” Retomando Gramsci (1978, p.96), tratar-se-ia de uma literatura de caráter comercial que, no entanto, representando uma expressão significativa da literatura popular-nacional, assume uma importância tal que não pode ser ignorada, sobretudo porque o seu sucesso “indica (e frequentemente é o único indicador existente) qual é a ‘filosofia da época’, isto é, qual é a massa de sentimentos e concepções do mundo que predomina na ‘multidão silenciosa’.”

### 3 Da Folkcomunicação à Folkmídia

Ao nomear não só de [www.jessierquirino.com.br](http://www.jessierquirino.com.br), como também de [www.poesiamatuta.com.br](http://www.poesiamatuta.com.br) o endereço de sua página pessoal na internet, Quirino parece não nutrir qualquer dúvida sobre a natureza de sua obra e, mais ainda, a perspectiva folkmidiática de seu trabalho. Igualmente aos poetas populares, o artista não abre mão de priorizar a produção de livros, CDs e as apresentações ao vivo que costumam lotar as casas de espetáculos. Além de manter uma página com ferramentas as mais sofisticadas possíveis, cujos recursos estéticos e audiovisuais passam a impressão de o poeta espontaneamente se dispor a contar causos ao internauta, desde a varanda de sua casa no interior, Quirino não deixa de estar atento, todavia, à importância dos dispositivos midiáticos para a poesia popular.

Logo na *home page* do artista, o visitante é convidado a linkar na sugestiva *pop-up* “Notícias”, com a logomarca Programa do Jô, que dá acesso à seguinte chamada: “Jessier Quirino em entrevista para o Jô. Confira a entrevista.” Concedida ao apresentador Jô Soares da Rede Globo, a entrevista encontra-se disponibilizada no YouTube, onde já foi submetida a mais de 100 mil exibições. Clicando no link “Aviso Importante”, também destacado na *home page*, o internauta abre uma janela que chama atenção para o seguinte comunicado:

#### INFORMAÇÃO IMPORTANTE SOBRE DVD

Informamos que nossa obra é composta de livros e CDs. NÃO consta produção de nenhum DVD.

Há nas calçadas, nos bares e portas de teatro, um DVD PIRATA, gravado à nossa revelia, a partir da veiculação de TV aberta de um espetáculo realizado em Campina Grande.

Como este recital NÃO foi produzido com este fim, o DVD, além de ilegal, apresenta problemas de mídia, não tem qualidade de som, luz e imagem, apresenta-se com capas múltiplas e todos os textos do encarte, foram escritos, erradamente, ao gosto do pirateador.

De fato, Quirino ainda não possui DVD oficial, mas isso não o impede de constituir um importante ativista midiático, ou mesmo, folkmidiático. “Folkmidiático é um conceito recente e foi criado na tentativa de melhor se compreenderem essas estratégias multidirecionais onde operam protagonistas de diferentes segmentos socioculturais, ou seja; do midiático e da folkcomunicação.” (TRIGUEIRO, 2006, p. 6) A emergência do conceito de ativismo midiático (ou folkmidiático) decorre do fato de que, além de decodificar ou

interpretar a cultura de massa para as comunidades de referência, o ativista exerceria o papel de agendar conteúdos folkcomunicacionais junto à mídia local-global (TRIGUEIRO, 2008a).

Daí a atualidade do pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, que pensou na era de McLuhan sobre as interações entre a aldeia local e a aldeia global. Ao construir um referencial teórico consistente, lançou pontes entre a *folk media* e a *mass media*. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo, ao mesmo tempo, que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular em uma espécie de *feedback* dialético, contínuo e criativo (MELO, 2008, p. 24).

Instigados a atualizar suas contribuições, os seguidores de Beltrão teriam acrescido não apenas o conceito de folkmídia, para dar conta dos processos de apropriação da cultura popular pela mídia, como também de ativismo midiático que melhor evidenciaria o papel assumido pelo comunicador de folk na era da globalização da economia e da mundialização da cultura (ORTIZ, 1996). Considerando a importância precoce da indústria cultural no Brasil (ORTIZ, 1998), conviria reconhecer que Luiz Gonzaga desponta como um dos primeiros ativistas midiáticos no país. Além de agendar o Nordeste durante longo tempo na mídia nacional, contribuiu para a formação de um público que hoje participa sistematicamente de mega shows de forró, consome seus produtos e assiste a programas televisivos com presença marcante de artistas e bandas, constituindo uma “audiência Folkmídia” e, ao mesmo tempo, instituindo a mídia como mediadora de “manifestações identitárias” (LIMA, 2008).

Mais exemplar, ainda, seria o caso de Antonio Carlos Nóbrega. “Há 30 anos, o multiartista pernambucano Antonio Nóbrega vem provocando o interesse das platéias urbanas pelo cancionário e pelas danças regionais do Nordeste”, chamava atenção Fonseca (2000), há quase uma década atrás, ao comentar os dois espetáculos que o músico protagonizava em São Paulo, entre os quais “Sol a pino”, no qual fazia questão de entreter a platéia contando e “explicando como fábulas de origem ibérica, árabe ou judaica influenciaram o romanceiro brasileiro e, de certa forma, a literatura de cordel.” Desde os anos 1980, na verdade, Nóbrega desponta no cenário artístico do país, ancorado entre outros no sucesso do programa Som Brasil da Rede Globo que, durante vários anos, exibiu em rede nacional uma amostra *sui generis* da música e da cultura regional brasileira.

O artista estaria a romper, em tese, com um dos preceitos marcantes do Movimento Armorial, do qual se tornou certamente o herdeiro mais conhecido. Pretendendo engendrar uma arte erudita a partir das raízes da cultura popular, o movimento que marca a história recente da cultura brasileira, sob liderança do escritor Ariano Suassuna, atribuiu grande importância à literatura de cordel e aos “espetáculos populares do Nordeste, encenados ao ar

livre, com personagens míticas, cantos, roupagens principescas feitas a partir de farrapos, músicas, animais misteriosos como o boi e o cavalo-marinho do bumba-meu-boi.” (MOVIMENTO, 2007) Sem deixar de fazer tais apresentações, Nóbrega contrariaria o Armorial, levando até as últimas conseqüências os espetáculos populares, mediante a aparição freqüente na televisão e a produção de DVDs, publicizados em sua também sofisticada página pessoal na internet - [www.antonionobrega.com.br](http://www.antonionobrega.com.br).

Graças inclusive à memória coletiva que a arte memorial tende mobilizar, traços armoriais presentes na música, no teatro e na dança do artista permitem a Nóbrega alcançar tanto o público erudito quanto popular, rompendo com o estigma elitista do movimento e projetando “seu trabalho junto à mídia.” (COSTA, 2007) Depois de Nóbrega, parece até que sugerindo que a estética televisiva também poderia comportar o conceito de integração das artes armoriais (COSTA, 2008b), foi a vez de Suassuna se aproximar da mídia, permitindo a Rede Globo filmar, exibir e exportar para todo o mundo adaptações de obras suas sobre o romanceiro popular nordestino, como *O Auto da Compadecida* e *A Pedra do Reino* que renderam do escritor elogios aos diretores Guel Arraes e Luiz Fernando Carvalho (MORAES NETO, 2007).

A minissérie, filmada em 16 mm e finalizada em alta definição, foi adaptada por Braulio Tavares, Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho – que também assinou a direção da trama. Foi a primeira realização do projeto *Quadrante*, idealizado para mostrar a diversidade cultural do país através da adaptação de obras literárias nacionais filmadas na região onde se passa a história original, com a participação de elenco e mão-de-obra locais. O projeto visa descentralizar o processo artístico e de produção, além de ajudar na formação de novos profissionais, criando um viés educacional. *A pedra do reino* teve como cenário a cidade de Taperoá, no sertão da Paraíba.

Escrito em 1971, o livro é um misto de romance de cavalaria e novela picaresca, mostrando que as culturas nordestina e sertaneja têm raízes ibéricas, com muitos elementos da Idade Média, da *commedia dell'arte* e também da cultura árabe, por conta de mais de 700 anos de dominação de Portugal e Espanha pelos mouros. Lendas, sebastianismo, fatos verídicos, muita sátira e o universo das cavalhadas, dos romancistas, cordelistas, cantadores e repentistas do sertão estão presentes na adaptação feita para a TV, que ganhou desfechos inexistentes no livro, criados pelo próprio Ariano Suassuna especialmente para a minissérie (A PEDRA, 2009).

Ressalvas à parte, tem-se a ligeira impressão de a aproximação ou incursão de Suassuna na teledramaturgia transformá-lo, também, em um ativista midiático que acaba ocupando não somente um espaço concedido, mas um lugar estratégico na indústria cultural que o torna, a um só tempo, guardião e porta-voz de uma identidade e memória coletiva capaz

de atravessar a aldeia local-global. Apossando-se das tecnologias e sistemas avançados de comunicação, conforme define Trigueiro (2006, p. 8), os ativistas midiáticos

sobressaem dos demais do seu grupo social pela sua produção intelectual que é apropriada, incorporada e convertida para o uso das práticas da vida cotidiana local. Em outras palavras, o ativista midiático dos sistemas folkcomunicaçãois, entre os muitos produtores-criadores-culturais da rede de comunicação cotidiana, toma para si e usa o cordel, a cantoria, o teatro e as danças dramáticas populares, o jornal mural, os grafites, o artesanato, a culinária, entre outras tantas manifestações do saber popular; potencializa, dá visibilidade a esses produtos culturais, recolocando-os nas redes globais de comunicação, notadamente o rádio, a televisão e a Internet como estratégia da inclusão social.

Não bastasse ser herdeiro e pródigo narrador entre o mundo tradicional e contemporâneo, fazendo sobreviver e projetar o real, a ficção e o lúdico do espetáculo popular desde as praças até a hipermídia (TRIGUEIRO, 2008b), o ativista midiático vê-se na condição de militante. “É nessa ‘militância cultural’ que ganha mais espaço como articulador das interações face a face, mesmo contaminadas pelas interações midiáticas.” (TRIGUEIRO, 2006, p. 9) Se esse ativismo não altera radicalmente as relações de força entre a cultura das classes dominantes e a cultura das classes subalternas, também não deixa de constituir um movimento de resistência e, muito mais ainda, uma estratégia de contra-hegemonia patrocinada ou comprometida com estas últimas (MELO, 2008, p. 25).

#### **4 Considerações Finais**

Ainda que não se pretenda esgotar o fenômeno das perspectivas folkmidiáticas da poesia matuta, busca-se reconhecer de modo abrangente e aprofundado suas principais nuances e dinâmica em meio a uma contemporaneidade, cada vez mais, universal. Ao passo em que remonta manifestações consideradas tradicionais, insere-se a poesia matuta em um terreno movediço, marcado por uma sociedade em plena transformação e adaptação às demandas globais do século XXI. “Se as condições da vida social que garantem a sua persistência são ameaçadas, também o folclore entra em crise.” (BOSI, 1991, p.65) Considerando que não se trata da primeira nem tampouco da última, até porque outras crises foram superadas, estudar a atualidade da poesia matuta reveste-se de um caráter não somente epistemológico, bem como histórico, ético e político.



Contribui nesse sentido o fato de, na presente década, crescerem os estudos e pesquisas acerca do impacto das linguagens e tecnologias midiáticas no contexto da folkcomunicação (BENJAMIN, 2000, 2004; GADINI; WOITOWICZ, 2007; MELO, 2004, 2008; MELO; TRIGUEIRO, 2008; TRIGUEIRO, 2006, 2008a, 2008b). Capitaneado pela Rede Folkcom, Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom e Grupo Temático em Folkcomunicação da ALAIC, esse movimento foi marcado pela realização da VI e IX Conferência Brasileira de Folkcomunicação que trataram, respectivamente, das temáticas “Difusão do folclore pelas indústrias midiáticas” e “Folkcomunicação e cibercultura: a voz e a vez dos excluídos na arena digital”. Donde decorre, como esclarece Sabattini (2008), a necessidade de não perder de vista que a cultura popular quando ocupa os espaços midiáticos assume dimensão e especificidade próprias que vão além de uma realidade supostamente virtual, “estableciendo y determinando muchas relaciones personales (con relación a su entorno) o sociales (con relación a los distintos grupos que interactúan en la sociedad informacional) y por este mismo motivo debe ser objeto de investigación de la Folkcomunicación.”

O trabalho ora apresentado, por sua vez, inscreve-se entre um conjunto de preocupações que tem motivado os estudos em torno do Grupo de Pesquisa em Comunicação Cultura e Desenvolvimento do DECOM/UEPB, responsável por duas iniciativas exemplares no campo da interface folkcomunicação, cultura e desenvolvimento regional (LIMA; SILVA, 2008). Trata a primeira do Seminário Os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular, realizado desde 2004 em pleno mês de junho, em Campina Grande, com a preocupação não só de analisar e debater o “Maior São João do Mundo”, assim como outras manifestações que marcam a cultura regional e suas relações com a sociedade, o Estado e a mídia nacional e global. A segunda iniciativa diz respeito ao projeto de Mestrado em Comunicação Regional do DECOM/UEPB, em apreciação junto a CAPES, que propõe como uma de suas linhas de pesquisa Linguagens, Tecnologias e Culturas Locais, enfatizando a investigação das estratégias de aproximação da cultura popular “com tecnologias, formatos, linguagens, práticas e rotinas da comunicação midiática” (UNIVERSIDADE, 2009).

Dentre os projetos vinculados à referida linha de pesquisa consta, justamente, a proposta de investigar a “Trajetória, tendências e perspectivas folkmidiáticas da poesia matuta na Paraíba” (COSTA, 2008a). O projeto visa traçar a história da poesia matuta; os atores sociais, produtos e mídias envolvidos na sua criação, divulgação e consumo; os conteúdos, gêneros e discursos que a constituem na contemporaneidade; e as relações estabelecidas com a cultura regional. Além da revisão da literatura em língua portuguesa e espanhola sobre a

temática, tem-se como meta o resgate da produção artístico-midiática e a elaboração de uma antologia da poesia matuta paraibana, entre a segunda metade do século XX e inícios do século XXI, a ser publicada em 2010.

A ênfase da pesquisa voltar-se-á, portanto, para a identificação, recuperação e catalogação dos produtos e mídias que dão suporte à poesia matuta. Entendidas aí desde as formas tradicionais até as novas tecnologias que ampliam a capacidade de registro, divulgação e circulação das manifestações culturais, incluindo os cordéis, livros, CDs, DVDs e páginas eletrônicas. O que implica realizar um levantamento exaustivo e sistemático dessa produção em arquivos pessoais dos próprios artistas, colecionadores e terceiros, magazines, livrarias, gráficas, editoras, gravadoras, empresas de comunicação, bibliotecas, bases e bancos de dados, *home pages* e outros mecanismos do gênero.

Pesa nessa direção o fato de que, desde a importância da imprensa para o cordel, de um modo ou de outro a tecnologia sempre fez parte da produção e vida cultural dos artistas populares que deixaram de depender da memória e da oralidade para fazer preservar suas criações (BENJAMIN, 2000, 2004). Além do mais, traduzindo de certa forma aquilo que Gramsci já admirava como capacidade que a cultura popular detinha de transformar os elementos “já afetados pela tecnologia” (BOSI, 1991, p.65), a própria criação artística pode assumir, mesmo sem pretensão, uma condição de documento, testemunho ou observação etnográfica. Atento às crescentes mudanças na vida rural, “em virtude da força homogeneizadora dos meios de comunicação e das novas tecnologias, Jessier Quirino, desde seu primeiro livro, vem fazendo uma espécie de etnografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão nordestinos.” (MELO, 1998)

Em última instância, pretende-se dimensionar as diferentes estratégias dos atores aí envolvidos para continuarem existindo socialmente. Donde sobressai a preocupação em problematizar a inserção da poesia matuta em um cenário globalizado, não somente no terreno da economia como de toda a vida em sociedade. Não se pode esquecer, entretanto, que o folclore, a cultura popular ou a literatura regional convive com culturas hegemônicas desde os processos de aculturação e urbanização, conseguindo fazer sobreviver “suas formas de pensar e sentir” (BOSI, 1991, p.65).

À luz de uma perspectiva dialética, portanto entendendo que as manifestações culturais das diversas classes e grupos sociais não se desenvolvem isoladamente, mas se entrecruzam numa relação de “interação e/ou de domínio” (FAUSTO NETO, 1979, p.155), é possível compreender que, ao mesmo tempo em que redefine o significado de expressões

tradicionais como a poesia matuta, a mundialização da cultura evidencia uma: “Moderna tradição que secreta inclusive uma memória internacional-popular” (ORTIZ, 1996, p.213).

## Referências

A PEDRA do Reino. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, Dramaturgia: Minisséries, 2009. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-254897,00.html>>. Acesso em: 16 maio 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

CARLOTTI, Tatiana. Prosa morena. **Jessier**, Itabaiana-PB, [entre 2001 e 2008]. Disponível em: <<http://www.poesiamatuta.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

COSTA, Américo de Oliveira. **Seleta de Luiz da Câmara Cascudo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da. **Trajectoria e estágio atual da poesia matuta na Paraíba**. Campina Grande-PB, 2008a. Projeto de Pesquisa (Departamento de Comunicação Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba.

COSTA, Luís Adriano Mendes. A Morte do Touro Mão de Pau e o conceito de integração das artes armoriais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11. **Anais Online...** São Paulo: ABRALIC, 2008b. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/LUIS\\_COSTA.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/LUIS_COSTA.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2009.

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Movimento Armorial: o erudito e o popular na obra de Antonio Carlos Nóbrega**. Campina Grande-PB, 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba.

FAUSTO NETO, Antonio. **Cordel e a ideologia da punição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

FELIPPE, Ana. Jessier Quirino. **Cenário Cultural**, João Pessoa, v. 1, n. 17, Entrevista, 2009.

FONSECA, Celso. Festa no interior: Antonio Nóbrega aplica seu olhar refinado à música e à dança regional em dois espetáculos. **IstoÉ**, São Paulo, n. 1618, Artes & Espectáculos, 29 set. 2000. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoe/1618/artes/1618\\_festa\\_interior.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1618/artes/1618_festa_interior.htm)>. Acesso em: 15 maio 2009.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa - PR: Ed. UEPG, 2007.

GOBBI, Maria Cristina. Um Brasil de múltiplas culturas: a folkcomunicação no século XXI. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/mgobbi.htm>>. Acesso em: 13 maio 2009.

GONÇALVES, Carlos Mauricio Arroyo. Folkcomunicación: aportes para la reflexión de un campo en crecimiento. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/camarroyo.htm>>. Acesso em: 13 maio 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LIMA, Irenilda de Souza; SILVA, Ana Paula Gomes da. Folkcomunicação e extensão rural brasileira: as estratégias de comunicação rural para o desenvolvimento local. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008. Disponível em: <[http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/souza\\_gomes.htm#au](http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/souza_gomes.htm#au)>. Acesso em: 13 maio 2009.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. For all, folkmídia e a indústria cultural regional. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/oliveiralima.htm>>. Acesso em: 13 maio 2009.

MARINHEIRO, Elizabeth. Prosa morena. **Jessier**, Itabaiana-PB, [2001?]. Disponível em: <<http://www.poesiamatuta.com.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

MELO, Alberto da Cunha. Jessier, em voz alta. **Jessier**, Itabaiana-PB, 23 ago. 1998. Disponível em: <<http://www.poesiamatuta.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, José Marques de. O folclore midiático. In: \_\_\_\_\_. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 269-272.

MELO, José Marques de; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (Orgs.). **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2008.

MINI-CURRÍCULO. **Jessier**, Itabaiana-PB, [200-]. Disponível em: <<http://www.poesiamatuta.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MORAES NETO, Geneton. Ariano Suassuna: Ariano aponta os nomes que, segundo ele, merecem ir para o trono da cultura brasileira. **Geneton.com.br**, 7 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.geneton.com.br/archives/000230.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.



MOVIMENTO Armorial. Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=309&textCode=884&date=currentDate>>. Acesso em: 15 maio 2009.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata D'Água de Jessier Quirino**. João Pessoa, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SABBATINI, Marcelo. Consideraciones teóricas acerca de lo “virtual” y lo “real” en las nuevas tecnologías de información y comunicación: implicaciones para la folkcomunicación. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/msabbatini.html>>. Acesso em: 13 maio 2009.

TAVARES, Bráulio. Bandeira Nordestina. **Jessier**, Itabaiana-PB, [2006?]. Disponível em: <<http://www.poesiamatuta.com.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2008a.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O acontecimento midiático na literatura de cordel. **Razón y Palabra**, México, v. 13, n. 60, ene./feb. 2008b. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/omeira.html>>. Acesso em: 13 maio 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. **BOCC**, Portugal, 2006. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-ativista-midiatico.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Comunicação Social. **Projeto de Mestrado Acadêmico em Comunicação Regional**. Campina Grande, 2009.